

BOLETIM INFORMATIVO

A REVISTA DO SISTEMA

SISTEMA FAEP



Ano XXXVII nº 1566 | 14/07/2022

Tiragem desta edição 26.000 exemplares

NOVA ERA

CÉU: A PRÓXIMA FRONTEIRA AGRÍCOLA

Evolução dos drones possibilita diferentes usos, como a pulverização aérea. Oportunidades e desafios se impõem ao campo para aplicação desta tecnologia



Aos leitores

Praticamente todos os dias, a realidade do meio rural está passando por transformações. Seja pela mudança de postura dos produtores rurais, adequações às exigências legais e/ou do mercado consumidor ou a inclusão de novos serviços, produtos e tecnologias, a rotina no campo de hoje não é a mesma da semana passada e nem será igual à do próximo mês.

É disso que trata a matéria de capa desta edição da revista Boletim Informativo. O uso de drones no meio rural, principalmente para a pulverização, já é algo em franca expansão. Isso por conta dos inúmeros benefícios, que incluem a agilidade, facilidade, assertividade e redução do custo de produção.

Os produtores rurais já notaram isso. Não à toa, o curso “Operação de drones” do SENAR-PR foi o terceiro mais demandado do catálogo no ano passado. Isso que a capacitação é relativamente nova, lançada em 2019.

O drone no campo é um caminho sem volta. Claro, é preciso colocar no papel para verificar a viabilidade econômica. Mas o importante é que os produtores estão se credenciando, o mercado está se mobilizando e a academia produzindo dados, fatores fundamentais para essa tecnologia ganhar cada vez mais espaço.

Boa leitura!

Expediente

• FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná

Presidente: Ágide Meneguette | **Vice-Presidentes:** Guerino Guandalini, Francisco Carlos do Nascimento, Oradi Francisco Caldato, Lisiane Rocha Czech, Nery José Thome e Valdemar da Silva Melato | **Diretores Secretários:** Livaldo Gemin e Mar Sakashita | **Diretor Financeiro:** Paulo José Buso Júnior e Ivo Pierin Júnior | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Ciro Tadeu Alcantara e Walter Ferreira Lima | **Delegados Representantes:** Ágide Meneguette, Rodolpho Luiz Werneck Botelho, Eduardo Medeiros Gomes e Gerson Magnoni Bortoli.

• SENAR-PR - Administração Regional do Estado do PR

Conselho Administrativo | Presidente: Ágide Meneguette | **Membros Efetivos:** José Amauri Denck (Fetaep), Rosanne Curi Zarattini (Senar AC), Darci Piana (Fecomércio) e Nelson Costa (Ocepar) | **Conselho Fiscal:** Sebastião Olímpio Santarozza, Paulo José Buso Júnior e Carlos Alberto Gabiatto | **Superintendente Adjunto:** Carlos Augusto Albuquerque.

• BOLETIM INFORMATIVO

Coordenação de Comunicação Social e Edição: Carlos Guimarães Filho | **Redação e Revisão:** André Amorim, Antonio Carlos Senkovski, Bruna Fioroni e Felipe Anibal | **Projeto Gráfico e Diagramação:** Fernando Santos, Helio Lacerda e William Goldbach | **Colaboração:** Lucas Silva e Aline Barboza | **Contato:** imprensa@faep.com.br

Publicação quinzenal editada pela Coordenação de Comunicação Social (CCOM) da FAEP e SENAR-PR. Permitida a reprodução total ou parcial. Pede-se citar a fonte.

Fotos da Edição 1566:

Fernando Santos, William Goldbach, Divulgação, Arquivo FAEP e Shutterstock.

ÍNDICE

TECNOLOGIA

Uso de drones tem se consolidado como tendência no campo, incluindo a pulverização aérea

PÁG. 4

EDITAL

SENAR-PR seleciona instrutores de sistemas agroflorestais, área de formação inédita no catálogo

Pág. 3

CONSERVAÇÃO DE SOLO

Caravana Embrapa FertBrasil percorreu quatro polos produtivos do Paraná, destacando o manejo sustentável

Pág. 14

AVICULTURA

Dados recolhidos junto aos produtores mostram valores insuficientes para manutenção da atividade

Pág. 18

REDE AGROPARANÁ

Redução de danos ambientais no uso de dejetos bovinos como adubo é tema de pesquisa nos Campos Gerais

Pág. 25

SUINOCULTURA

Levantamento de custos de produção aponta defasagem nos preços pagos a suinocultores

Pág. 26

OPORTUNIDADE

SENAR-PR lança edital para instrutores de sistemas agroflorestais

Para participar do processo seletivo, interessados devem realizar a inscrição até o dia 19 de agosto



O SENAR-PR abriu edital para o credenciamento de pessoas jurídicas que tenham interesse em prestar serviços de treinamento na formação “Sistemas agroflorestais – Básico”. As inscrições vão até o dia 19 de agosto. Para participar, basta acessar o site da instituição (sistemafaep.org.br) e clicar no menu “Atuação”, depois em “SENAR-PR” e em seguida “Editais”. O resultado com os aprovados será divulgado em 28 de outubro.

Os candidatos devem ter formação em Engenharia Agrônoma, Técnico Agrícola, Técnico em Agroecologia, Engenharia Florestal ou áreas correlatas, com experiência comprovada no setor

ou em outros sistemas agroecológicos de produção. A formação necessita ser devidamente certificada com diploma de conclusão do curso.

Os profissionais aprovados no edital vão ministrar os primeiros cursos da história do SENAR-PR na área de sistemas agroflorestais. De acordo com a técnica do Departamento Técnico (Detec) do Sistema FAEP/SENAR-PR Vanessa Reinhart, que acompanha os cursos na área de horticultura, a criação desta formação é uma resposta a demanda do campo. “Hoje não temos produção agroecológica e orgânica suficiente para atender nossa demanda. Até 2030, toda merenda escolar deverá

ser orgânica, então temos necessidade de capacitar mais produtores nesses sistemas de produção”, afirma.

A criação do novo curso também faz parte de uma parceria com o Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná (IDR-Paraná), por meio de um termo de cooperação, prevendo um plano de trabalho focado em ações na área de agroecologia. “Teremos outras ações com esse termo de cooperação. Também estão previstos cursos na área de certificação orgânica e transição de propriedades de sistemas convencionais para orgânicos”, diz Vanessa.

Os candidatos que desejarem participar do edital vão realizar provas classificatórias técnica e pedagógica. Os aprovados passarão para uma fase presencial, quando ocorre uma capacitação sobre sistemas agroflorestais. Posteriormente terão que apresentar microaulas sobre o tema para o corpo técnico do Sistema FAEP/SENAR-PR, nas quais serão avaliados quanto à sua didática.

Agroflorestas

Além de não utilizar agroquímicos nem fertilizantes minerais, os sistemas agroflorestais de produção propõem uma integração, na qual uma mesma área pode produzir frutas, hortaliças, madeira e animais. “Esse sistema se baseia na sucessão ecológica de espécies e tenta ser o mais próximo possível do ecossistema natural. São culturas de interesse agrícola associadas com árvores na mesma área”, explica Vanessa, do Sistema FAEP/SENAR-PR.



Drones colocam o agro na corrida pelo céu

Aeronaves pilotadas de forma remota têm proporcionado diversos usos dentro da porteira, como a pulverização. Novidades trazem vantagens e impõem desafios ao setor



Por Antonio C. Senkovski

Pouco mais de uma década atrás, em amplas áreas de lavoura espalhadas pelo Brasil, o piloto de avião Eduardo Goerl rasgava os céus com aeronaves de pulverização agrícola. Ganhava a vida em uma atividade de alto risco, mas com demanda garantida. Até que um dia a aeronave com a qual pulverizava plantações a apenas três metros do chão, perto dos 200 km/h, caiu. Goerl sobreviveu ao acidente e resolveu não se arriscar mais na atividade. Migrou para a aviação civil. Dedicou 10 anos à carreira. Porém, na primeira vez em que pilotou um drone, passou a ter uma pulga atrás da orelha.

Já nas primeiras decolagens com a pequena aeronave controlada remotamente, Goerl teve a ideia de fazer pulverizações agrícolas com o equipamento. Em pesquisas de mercado, descobriu uma oportunidade até então quase inexplorada e resolveu apostar na fabricação nacional de um drone pulverizador. Mais do que apenas vender o produto, mirou na prestação de serviços com aeronaves próprias a produtores rurais.

“Nós mapeamos a lavoura com drone de imagens, identificamos onde estão as pragas, fazemos um guia das infestações e aplicamos produtos químicos só em cima delas”, detalha o agora CEO da Arpac, empresa que criou para prestar o serviço.

A empresa começou a operar em 2018 e rapidamente chamou a atenção de gigantes do setor de defensivos agrícolas. Basf, da Alemanha, e Yamaha, do Japão, já injetaram recursos como investidores na companhia. De 2020 a 2022, a Arpac, sediada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, passou a executar seus serviços de 1 mil hectares para mais de 250 mil, com 77 funcionários a campo em três bases (Piracicaba, Jaú e Araçatuba, municípios no Estado de São Paulo). O foco da organização é atender grandes aglomerados de produção agropecuária, principalmente empresas do ramo sucroenergético, prestando serviço com drones robustos e fabricados pela própria Arpac.



ARPAC se especializou na fabricação de drones próprios e atende principalmente grandes empresas do ramo sucroalcooleiro

Mudança de chave

A virada da década foi um período de mudança significativa no mercado de drones, que até então eram quase que exclusivamente focados no fornecimento de imagens. De lá para cá, com a evolução tecnológica desses aparelhos, uma verdadeira corrida para dominar os céus e consolidar um novo modelo de pulverização aérea tem sido constatada. Atualmente, no Brasil, a estimativa é que existam cerca de 2,5 mil drones de pulverização em operação. Com a alta demanda atual por esse tipo de serviço, a previsão é que essa “frota” seja incrementada em 10 mil aeronaves por ano até 2028. Isso fez com que o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) corresse para regulamentar o setor (veja as regras nas páginas 6 a 9).

“Os drones são uma realidade no meio rural do Paraná. Tanto que o nosso curso de operação do equipamento é um dos mais demandados do catálogo. E esse movimento ainda tem muito espaço para crescer. Claro, com os produtores adquirindo conhecimento, aprendizado, técnicas e analisando a viabilidade econômica”, destaca Ágide Meneguette, presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR.

Não faltam histórias de pessoas que perceberam essa movimentação. Em 2019, durante pesquisas para fundar um novo empreendimento, André Luis Sarot Veiga, proprietário da ALSV Drone Florestal, sediada em Curitiba, percebeu que já existia tecnologia de pulverização com drones, mas apenas três ou quatro empresas operando no Brasil. Sem cursos ou manuais de instrução, Veiga reuniu informações com agrônomos, engenheiros florestais e comprou um drone. Fez diversos testes até dominar a máquina e, nesse processo, criou um modelo de negócio. No fim do primeiro ano já estava prestando serviços para empresas do ramo florestal.

Com uma agenda disputada, o empresário está focado em aplicar especialmente herbicidas e inseticidas em áreas recém-plantadas (com até quatro anos) de árvores destinadas à produção de madeira e celulose. Apesar de mais enxuta, com 10 funcionários, a empresa tem clientes no Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul.

“Tivemos uma fase de crescimento e já estamos com seis aeronaves. Hoje, temos uma estabilidade em volume de trabalho, mas diversificamos os clientes florestais”, compartilha Veiga.

Upgrade operacional

Esse movimento de investimentos em drones de pulverização tem eco entre pessoas que já possuem aqueles voltados só a imagens, espécie de pré-requisito para quem se interessa no *upgrade*. Em Bituruna, o engenheiro agrônomo Joel Nalon, um dos sócios da Plantar Topografia – Consultoria Agrícola e Florestal, presta serviços de mapeamento agropecuário a produtores rurais da região Sul do Paraná desde 2018.

No ano passado, Nalon fez o curso do Mapa de operador de drones para pulverização agrícola. Depois disso, contou para alguns produtores, que não param de bater a sua porta para saber quando chega o drone de pulverização aérea que comprou e deve estar em operação em outubro. “A expectativa é alta, pois temos previsão de uma demanda constante por esse serviço. Sem contar que meu sócio e eu temos área, então também pretendemos colocar o drone para trabalhar para nós”, relata.



A ALSV Drone Florestal tem dez funcionários e atende clientes no Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul

Drone para quê?

Aeronaves têm passado por desenvolvimento tecnológico, o que possibilita novos usos para esses equipamentos. A bola da vez no campo é a pulverização.

Conceitos



DRONE

A palavra drone é utilizada na linguagem cotidiana para se referir a qualquer tipo de aeronave não tripulada. Em termos legais, no entanto, no Brasil há duas denominações para esses equipamentos:

VANT

Veículo Aéreo Não Tripulado

ARP

Aeronave Remotamente Pilotada

Principais tipos de drone



Asa rotativa

(princípio do helicóptero)

- » menor velocidade de voo;
- » autonomia de bateria mais curta;
- » pilotagem mais fácil;
- » capacidade de pouso e decolagem vertical.

Usos mais comuns

- » mapeamento e monitoramento de pequenas áreas;
- » inspeção de obras e recursos naturais.



Asa fixa

(princípio do avião)

- » maior velocidade de voo;
- » autonomia de bateria mais longa;
- » pilotagem mais difícil;
- » exige áreas maiores para pousos e decolagens.

Usos mais comuns

- » mapeamento e monitoramento de áreas médias e grandes.

Híbridas

Há aeronaves já disponíveis no mercado que usam as duas tecnologias: asa fixa e móvel. Assim, é possível decolar e pousar na vertical, mas se deslocar como um drone de asa fixa.



Equipamentos à bordo

Os três tipos podem ser equipados com diferentes dispositivos, como câmeras com sensores térmicos, infravermelhos/ultravioletas, pulverizadores, entre outros.

Legislação

Órgãos que regulam o uso dos drones no Brasil:

Agência Nacional de Aviação Civil (Anac)
Mantém cadastro de operadores de equipamentos



Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel)
Responsável pela homologação dos sinais de radiofrequência



Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea)
Local onde o usuário solicita uso do espaço aéreo



Ministério da Defesa (MD)
Responsável, em alguns casos, pela regulamentação dos trabalhos de aerolevantamentos no território nacional



Pulverização

A pulverização com drones passou a contar com uma regulamentação a partir de setembro de 2021, com a Portaria 298 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

Principais exigências

Todos os operadores de drones na agricultura são obrigados a ter registro no Mapa.

Como obter o registro

- » Pessoas jurídicas devem possuir responsável técnico. O registro também pode ser feito por pessoas físicas;
- » Apresentar comprovante de que o aplicador realizou curso de certificação de aplicação ministrado por instituições credenciadas ao Mapa;
- » Fazer uso de drones que estejam em situação regular junto à Anac.

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR

Obrigações pós-registro

- » Apresentar relatórios mensais de atividades;
- » Informar qualquer alteração no cadastro;
- » Manter à disposição de fiscalização os registros de aplicação;
- » Atender às exigências e prazos estabelecidos pelo Mapa.

Cuidados na aplicação

- » Respeitar distância de 30 metros de povoações, vilas, moradias isoladas e agrupamento de animais, de mananciais de captação de água de abastecimento de população, Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente;
- » Fixar placa "Cuidado! Operação com drone" nas proximidades do local de operação;
- » Ter uma lista no local de operação com endereços e telefones de hospitais e centros de informações toxicológicas, extintor de incêndio e caixa contendo materiais de primeiros socorros;
- » Uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs);
- » Atender às condições meteorológicas e ambientais, que deverão ser devidamente avaliadas durante a aplicação para garantir a eficácia e a segurança;
- » Manter registros de dados a cada aplicação (em papel ou digitalmente) pelo prazo mínimo de dois anos;
- » Disponibilizar relatório mensal ao Mapa via sistema eletrônico.



Por **Neder Corso**
Técnico
Detec - Sistema FAEP/SENAR-PR

Regulamentação do uso de drones para pulverização

Em função dos drones estarem ocupando cada vez mais espaço no meio rural, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) publicou, em setembro de 2021, a Portaria 298, que estabelece as regras para operação de Aeronave Remotamente Pilotada (ARP) destinada à aplicação de agroquímicos, adjuvantes, fertilizantes, inoculantes, corretivos e sementes.

A regulamentação visa adequar as exigências legais às especificidades desta tecnologia, que se diferencia das aeronaves tripuladas em diversos aspectos. A expectativa do Mapa é que a normativa traga segurança jurídica para os operadores de ARP, ao mesmo tempo que garanta a harmonização e a segurança das operações e o uso responsável da tecnologia. A norma também serve de base para a coordenação e a fiscalização das atividades, tanto por parte do Ministério, como por parte dos órgãos estaduais (Adapar e IAT, no caso do Paraná), responsáveis pela fiscalização do uso de agroquímicos.

Além do registro no Mapa, que será feito de forma automatizada via sistema Sipeagro, os operadores necessitarão dispor de profissional qualificado com curso específico, designado como aplicador aeroagrícola remoto, e, em determinados casos, de responsável técnico, engenheiro agrônomo ou engenheiro florestal, para coordenar as atividades. Já com relação as aeronaves, estas deverão estar devidamente regularizadas junto a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac).

CONFIRA A NOTA TÉCNICA SOBRE O USO DE DRONES

É fácil!

• Para consultar o documento, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code ao lado.





Drones entram no portfólio de serviços das cooperativas

No Paraná, as cooperativas têm papel importante na assistência técnica nas diversas cadeias produtivas. Nesse contexto, os drones de pulverização têm passado a compor o portfólio de serviços ofertados aos cooperados. Desde janeiro desse ano, a pulverização com drones está à disposição de produtores rurais da área de abrangência da Cocamar, com sede em Maringá. Como o serviço entrou em operação no meio da safra passada, cerca de 800 hectares foram cobertos, com expectativa de ampliar esse volume no próximo ciclo.

A agrônoma **Stephanie Squissatti Fajardo** está à frente dessa operação na cooperativa de Maringá. O equipamento, da marca chinesa Xag, permite operar dois drones ao mesmo tempo por uma única pessoa (o que ainda é incomum nessa tecnologia). Essa operação faz com que seja necessário ter um gerador ligado o tempo inteiro na área pulverizada, além de um assistente para auxiliar na parte prática de recarga de baterias, abastecimento do tanque e outros detalhes. Cada voo dura em torno de 10 minutos, tempo para abranger uma área de pouco mais de um hectare.

A agenda está disputadíssima, especialmente por produtores de soja, milho e mandioca, três dos carros-chefes da região. “Estou fazendo divulgação agora na entressafra para adiantar o mapeamento das áreas, para quando chegar o verão não precisar perder tempo com essa parte. O período-chave vai ser quando a colheita da safra de inverno, porque consigo fazer o mapeamento percorrendo a área de carro. Nessa época (julho) tem muito vento e é difícil usar drone de imagem para fazer o trabalho”, explica Stephanie.

Pesquisas vão ajudar a definir parâmetros de aplicação

A corrida aos drones de pulverização exige pesquisas quanto aos efeitos da aplicação com essa tecnologia. Questões como diluição, parâmetros para evitar deriva, diferenças nos efeitos agrônômicos e outros aspectos usados para medir a qualidade da aplicação têm sido alvo de estudos científicos encomendados pelas indústrias de insumo, como conta Ulisses Antuniassi, professor da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) de Botucatu. Em termos de tecnologia de aplicação, segundo Antuniassi, o drone tem sido campeão de demanda de pesquisas.

De acordo com Antuniassi, o mercado de drones está em construção e há uma série de entendimentos em consolidação, até mesmo em termos de nomenclatura e categorização. Os equipamentos ainda não estão previstos na bula dos principais produtos químicos e a regulamentação para uso desse tipo de tecnologia de aplicação prevista pelo Mapa (Portaria 298 de 2021 – ver mais nas páginas 6 a 9) tem como parâmetro inicial a aplicação de defensivos por aviões.

“As empresas ainda estão gerando informações sobre os parâmetros de aplicação com drones. Honestamente, drone não é um avião. Ainda há um caminho de pesquisas para percorrer. Isso leva um certo tempo”, detalha o especialista.

O professor ressalta, no entanto, que a geração de dados está evoluindo rapidamente. Enquanto conversava com a reportagem, Antuniassi tinha acabado de receber dados de um dos inúmeros ensaios em andamento relacionados à pulverização aérea com drones. “É um mercado em uma evolução intensa. Nos próximos dois ou três anos teremos um cenário com mais informações com base científica e, naturalmente, a regulamentação dessa tecnologia deve acompanhar essas transformações”, projeta o pesquisador.

Em paralelo aos drones para os agroquímicos, as aeronaves para aplicação de produtos biológicos também têm chamado a atenção. Antes de trabalhar na Cocamar, a agrônoma Stephanie Fajardo atuou, em outra empresa, com a aplicação de microvespas para o controle de pragas na cana-de-açúcar por meio de aeronaves pilotadas remotamente. Mesmo serviço prestado pelo zootecnista Rafael Andrzejewski, da Lapa, Região Metropolitana de Curitiba. “O drone de pulverização virou uma febre, o pessoal está focado no químico e eu mais no biológico. Além do mapeamento com imagens que criamos, também fazemos a liberação de agentes biológicos, como *Telenomus podisi* e *Tricrograma* [pequenas vespas que ajudam no controle de pragas]”, compartilha Andrzejewski.



Modelos devem coexistir

Apesar da euforia com os drones de pulverização, profissionais de mercado veem desafios que impedem, ao menos no curto prazo, a substituição completa das outras modalidades de pulverização. Nessa balança pesam o alto custo de aquisição dos aparelhos, o nível elevado de tecnologia e a necessidade de um treinamento específico dos operadores, além da menor capacidade de pulverização diária em relação aos equipamentos convencionais terrestres ou mesmo aviões. Esses fatores podem desequilibrar a questão custo-benefício.

“Operar uma coisa que voa é complexo. Um trator já tem um grau de complexidade. Imagine algo que anda para frente, trás, cima, baixo, para um lado e para o outro. Tem que treinar, saber todas as questões de segurança e legais”, analisa Eduardo Goerl, CEO da Arpac.

Joel Nalon, instrutor do curso “Operação de Drones” do SENAR-PR, também vê desafios a serem superados. “Aquele produtor que está bastante tecnificado e tem uma área maior, a partir de 300 hectares, vai começar a pensar em adquirir um drone pulverizador. Mas para o produtor pequeno, que já tem pulverizador de trator ou autopropelido, o uso do drone vai ser pontual, por terceiros”, opina Nalon, que vai começar a prestar serviços de pulverização aérea com drones.

Rafael Andrezejewski, que também é instrutor do SENAR-PR, enfatiza que a tecnologia está em crescimento constante e, nos próximos anos, deve haver transformações no modo como as tecnologias de aplicação vão coexistir e disputar espaço. “Sabemos que o uso de drone na pulverização pode aumentar a produtividade, atingir áreas não mecanizáveis, ter mais eficiência da aplicação atingindo folhas baixas, principalmente no milho. Tem um leque de possibilidades, inclusive para ajudar produtores que já têm equipamentos convencionais e poderão contar com mais essa ferramenta para pulverizações localizadas”, prevê.



Curso de drone é o terceiro mais procurado do SENAR-PR



Desde 2019, o Sistema FAEP/SENAR-PR oferece o curso “Operador de drones”, com mais de 650 turmas desde então. No ano passado, a capacitação foi a quarta mais demandada do catálogo da entidade, proporcionando mais conhecimento e informações aos produtores e trabalhadores rurais na hora da tomada de decisão em suas propriedades.

Além desse curso, o SENAR-PR tem participado constantemente de feiras na área de drones e realizado visitas técnicas a companhias do segmento para projetar as próximas ações. Uma das novidades confirmadas é a realização de cinco turmas-piloto de um curso de drones de pulverização, a primeira delas no Centro de Treinamento Agropecuário (CTA) do Sistema FAEP/SENAR-PR em Iporã, no Norte do Paraná.



Comissão de Mulheres em Ivaí

No dia 5 de julho, a Comissão Estadual de Mulheres da FAEP realizou uma reunião para orientar a criação de um grupo local no Sindicato Rural de Ivaí. O evento, resultado de uma demanda das produtoras rurais dos municípios de Ivaí e Guamiranga (onde há uma extensão de base do sindicato rural), contou com 51 participantes, incluindo o presidente da entidade, Davy Ribeiro; o vice-presidente, Valdir Storer; e a secretária de Agricultura de Guamiranga, Cristiane Borgo. A comissão local de mulheres foi estruturada com 48 mobilizadas e seis coordenadoras.



Mobilização em Tapejara

Tapejara promoveu uma reunião com o objetivo de aumentar a participação das produtoras rurais na comissão local. No evento, estiveram presentes 45 mulheres, incluindo a coordenadora regional da Comissão Estadual de Mulheres da FAEP Simone Carvalho Bossa de Paula.

Alteração da NR 31

No dia 5 de julho entraria em vigor a obrigatoriedade de tratores de cabine fechada para o uso de turbo-pulverizadores na aplicação de agroquímico. Porém, a portaria do Ministério do Trabalho e Previdência alterou a obrigatoriedade para janeiro de 2023. A partir do próximo ano, quem usar tratores sem cabine ou de cabine aberta poderá ser autuado. A única exceção da legislação é para as culturas em parreiras, por exemplo, videiras.



Entregas de viaturas da Patrulha Rural

Diversos municípios do Estado estão recebendo novas viaturas para uso da Patrulha Rural, da Polícia Militar do Paraná. As caminhonetes modelo Hilux, adaptadas para os serviços nas áreas rurais, já foram entregues em Palotina, Faxinal, Sertãozinho e Corbélia. Os eventos de entrega foram acompanhados pelos presidentes dos sindicatos rurais locais e outras lideranças rurais da região.



Pré-candidato ao Senado na FAEP

Pré-candidato ao Senado, **Sergio Moro**, esteve na sede do Sistema FAEP/SENAR-PR, no dia 12 de julho, para apresentar algumas das suas pautas, como o combate à corrupção e ao crime organizado. Além de questões envolvendo segurança pública, Moro destacou que pretende trabalhar por questões que envolvem a agropecuária. Na ocasião, o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, entregou um documento ao pré-candidato com as principais demandas por parte dos produtores rurais, como investimentos em infraestrutura, seguro rural, fornecimento de energia no campo, modernização da agropecuária e reforço na sanidade.

CCIR 2022

Em 2022, a emissão do Certificado de Cadastro de Imóvel Rural (CCIR) começa no dia 18 de julho. O CCIR é uma contribuição anual obrigatória que os proprietários rurais devem recolher junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). Na prática, o CCIR comprova o cadastro do imóvel no chamado Sistema Nacional de Cadastro Rural (SNCR), uma plataforma que reúne as informações cadastrais de todas as terras do Brasil. No Paraná, os proprietários têm a opção de ir até o sindicato rural local para que a guia seja emitida.



Empresa argentina em Londrina

No dia 12 de julho, diretores da empresa argentina Nova, acompanhados do ex-secretário estadual de agricultura George Hiraiwa, estiveram reunidos com o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette, e as técnicas Carla Beck e Elisangeles Souza para apresentar o portfólio de produtos fitossanitários, biológicos e enzimas industriais. A empresa de inovação instalou uma filial em Londrina, na região do Norte Pioneiro, onde produz 35 produtos já registrados, à disposição dos produtores rurais paranaenses.

Informações e tecnologias para o manejo adequado do solo

Caravana Embrapa FertBrasil passou por quatro polos produtivos do Paraná em junho, levando palestras qualificadas e divulgando plataformas que auxiliam o produtor rural



O Paraná recebeu, no final de junho, a Caravana Embrapa FertBrasil, iniciativa do Plano Nacional de Fertilizantes, que vai percorrer as principais regiões produtoras do país, levando palestras qualificadas voltadas a enfatizar a importância do manejo sustentável do solo como forma de melhorar a produtividade. Com encontros realizados em Guarapuava (na região Centro-Sul), Cascavel (Oeste), Londrina (Norte) e Ponta Grossa (Campos Gerais), o evento reuniu 668 participantes, entre produtores, técnicos e estudantes de Ciências Agrárias. Além das palestras, o público teve acesso a informações sobre plataformas desenvolvidas pela Embrapa.

Em uma das apresentações, Angelo Mansur Mendes, da Embrapa Territorial, orientou o agricultor a dividir sua propriedade em ambientes de produção e em áreas prioritárias, diferenciando talhões por tipos de solo, o que possibilita tomar decisões relacionadas ao manejo. O produtor deve considerar, por exemplo, o relevo, a textura, a presença de materiais grossos (rochas e pedras) e suscetibilidade a inundações para a tomada de decisões.

Para auxiliar na definição da melhor época para semear, a Embrapa dispõe do aplicativo Zarc Plantio Certo, que aponta as melhores datas para a semeadura de 43 culturas. O programa recupera dados do Zoneamento Agrícola de Risco Climático (Zarc), instrumento de política e gestão de riscos na agricultura. Outra ferramenta é o Pasto Certo, que indica qual o tipo de forrageiras ou leguminosas para o cultivo por ordem de relevância, estabelecendo comparações entre as cultivares. Ambas as tecnologias estão disponíveis para *download* na *Apple Store* e *Play Store*.

Proferida por Adilson Oliveira Júnior, da Embrapa Soja, outra palestra abordou as boas práticas para o uso eficiente de fertilizantes. Segundo o especialista, tudo começa nas escolhas do tipo de adubo, quantidade de fertilizantes a ser usado, época de aplicação e a forma de se fazer a correção do solo. Essas decisões precisam ser tomadas com base em um diagnóstico do solo, levando-se em consideração a cultura e o clima locais.



Técnicos das entidades repassaram informações aos produtores

Para isso, a Embrapa começou a disponibilizar a Avaliação da Fertilidade do Solo e Recomendação de Adubação (Afere), um *software* voltado a auxiliar o produtor a calcular a quantidade de nutrientes que precisa ser restituída ao solo, fazendo recomendações a partir de análises. A plataforma terá três módulos, dos quais um já está em funcionamento. A ferramenta está disponível no site embrapa.br.

Em outra apresentação, Juliano Corulli Correa, da Embrapa Suínos e Aves, falou sobre os diferentes suprimentos de nutrientes disponíveis no mercado. O especialista também abordou dois experimentos conduzidos pela Embrapa com remineralizadores, que agregam mais cargas negativas ao solo, favorecendo o aproveitamento dos fertilizantes. Nesse segmento, a entidade tem um portfólio de insumos biológicos, disponível no site da entidade.

Em outra palestra, Ronaldo Pereira de Oliveira, da Embrapa Solos, apresentou tecnologias de gestão para Agricultura de Precisão (AP), apontando a tendência de se estabelecer zonas de manejo dentro da propriedade, fazendo análises por amostragem orientada – com sensores e equipamentos capazes de aferir textura, umidade, salinidade e outros nutrientes do solo. Uma das ferramentas disponíveis nesse segmento é a Plataforma AgroAPI, que oferece informações e modelos agropecuários gerados pela Embrapa para a criação de *softwares* e aplicativos para o setor agropecuário (disponíveis em agroapi.cnptia.embrapa.br). Outro dispositivo é o *Smart-Solos Expert*, que auxilia na classificação de solos.

Manejo

Por sua vez, José Salvador Foloni, da Embrapa Soja, apresentou uma palestra em que ressaltou a importância da adoção de tecnologias sustentáveis de manejo agrícola. O especialista destacou, por exemplo, que a cobertura com palha no sistema de plantio direto aumenta a produtividade da soja entre 20% e 30% e que a rotação de soja com milho safrinha também teve efeitos positivos.

Serviço

Confira a nota técnica sobre a Caravana Embrapa FertBrasil, elaborada pela técnica Ana Paula Kowalski, do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR, no site da entidade (sistemafaep.org.br), na seção Notícias – Serviços – Ao Produtor.

Memória do Campo



Do campo ao copo

Há 13 anos, o Boletim Informativo trouxe uma reportagem de capa destacando a importância do malte, cereal que sai dos campos paranaenses para cervejarias de todo o Brasil. Principal polo produtor, Entre Rios, distrito de Guarapuava, na região Centro-Sul, respondia por 20% do mercado de malte do país, presente em todas as marcas de cervejas. E a produção estava prestes a aumentar: a cooperativa Agrária havia ampliado sua capacidade em 60%, produzindo 220 mil toneladas ao ano.

A produção de malte também tinha importância decisiva para os negócios da Agrária. O cereal era o responsável por 40% do faturamento do grupo, que somava 539 cooperados e quase mil colaboradores, com valor anual que ultrapassava R\$ 1,5 bilhão. A cooperativa dispunha de quatro indústrias e três entrepostos. Mais que isso: a Agrária era responsável por manter a tradição do malte, cuja produção começou a se desenvolver no início da década de 1980.

Hoje, a cooperativa Agrária é a maior maltaria da América Latina. O carro-chefe é a produção de malte pilsen, que atende à demanda de 30% do mercado brasileiro de cerveja. A produção aumentou: são 360 mil toneladas ao ano. Além disso, o grupo também passou a produzir maltes especiais, como o Pale Ale, Vienna e Munique, com cevada 100% nacional.

O PARQUE SEM DIVERSÃO

Localizado na cidade de Pripyat, na Ucrânia, o espaço de entretenimento nunca chegou a ser usado por conta do desastre nuclear de Chernobyl

Alguns locais, dependendo das circunstâncias, acabam por se tornar símbolos de algo que aconteceu na história da humanidade. Esse é o caso do parque de diversões de Pripyat, situado na cidade de mesmo nome, na Ucrânia. O local com roda gigante, carrinho bate-bate, balanços tematizados e tantos outros brinquedos poderia ser um espaço de recreação caso não estivesse localizado nas redondezas do maior acidente nuclear da história.



O parque de diversões de Pripyat foi construído para entreter a população local, com previsão de inauguração marcada para o dia 1º de maio de 1986, em comemoração ao Dia do Trabalho. Porém, em 26 de abril do mesmo ano, o reator nuclear número 4 da Usina Nuclear de Chernobyl, perto da cidade de Pripyat, no Norte da hoje extinta União Soviética, explodiu, lançando material radioativo na atmosfera e matando milhares de pessoas. A distância entre as cidades de Pripyat e Chernobyl é de apenas 20 quilômetros.

Mesmo estando dentro da Zona de Exclusão de Chernobyl, há quem diga que o parque de diversões foi inaugurado às pressas, no dia 27 de abril, cinco dias antes do previsto e antes do anúncio da evacuação. Isso teria ocorrido para, provavelmente, distrair os moradores e acalmar os ânimos, mostrando que estava tudo bem no local, apesar dos problemas na usina nuclear. Fotos tiradas em 1986 reforçam a teoria, pois mostram que muitos brinquedos ainda não estavam completamente terminados, como a roda-gigante, que apresenta seu revestimento incompleto.

Na época da ex-União Soviética, a cidade de Pripyat foi construída especificamente para os trabalhadores, e suas famílias, que cumpriam expediente na Usina Nuclear de Chernobyl. O centro urbano contava com milhares de casas e edifícios, escolas, campos de futebol, complexos esportivos e um dos maiores hotéis da ex-União Soviética. Tudo para abrigar mais de 45 mil pessoas.

Hoje, Pripyat é uma cidade fantasma, visitada apenas por turistas que querem conhecer um pouco sobre o acidente nuclear, com níveis de exposição à radiação controlados. Em 2017, 31 anos após a evacuação do local, turistas, desobedecendo às regras de segurança, conseguiram girar a roda manualmente, sem eletricidade.

O parque de diversão de Pripyat tornou-se um marco do desastre de Chernobyl. E, um dos elementos mais simbólicos, a roda gigante, pode ser vista em filmes e documentários sobre o fato.

Alta dos custos acima da inflação aperta margens dos avicultores

Aumento da remuneração dos produtores é insuficiente para manutenção da atividade, mostra levantamento do Sistema FAEP/SENAR-PR

Por André Amorim

A lenha que aquece os aviários, a energia elétrica e a mão de obra foram os itens que mais pesaram no bolso dos produtores de aves do Paraná nos últimos seis meses, conforme mostra o levantamento de custos de produção na avicultura, realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR. Os dados apontam que, assim como nos anos anteriores, a atividade trabalha com margens apertadas, que se agravaram com a alta registrada em diversos itens fundamentais para a produção, que ultrapassam a inflação registrada durante o mesmo período. Outras conclusões desse trabalho são: quanto maior a escala de produção, menor é o prejuízo; e que nas regiões onde os produtores participam ativamente das Comissões de Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) existe mais capacidade de negociação junto às integradoras.

Sete reuniões foram realizadas, entre 16 e 20 de maio, para coletar dados em importantes polos de produção avícola do Paraná: Cambará, Campos Gerais, Cascavel, Chopinzinho, Cianorte, Paranavaí e Toledo. Em cada levantamento, os participantes levavam seus gastos com a atividade (contas e luz, notas fiscais, holerite de funcionários,

entre outros documentos) para compor o custo de produção de uma propriedade modal, ou seja, o perfil de um negócio que mais se repete naquela região, no que tange às dimensões, número de aviários e tipo de criação (frangos *griller* ou pesados), além da empresa à qual o produtor está integrado. Esse trabalho é composto pela produção realizada em 26 diferentes modais de produção (veja o gráfico na página 18).

O levantamento de custos conduzido pelo Sistema FAEP/SENAR-PR mostrou que 92% das propriedades analisadas estão trabalhando no vermelho, pois não conseguem cobrir os custos totais de produção com o valor recebido pelas integradoras. Em 88,5% dos modais, o saldo recebido cobriu os custos variáveis, o que significa que a remuneração recebida pelos produtores foi suficiente apenas para arcar com as despesas do lote. Mesmo assim, no médio e longo prazos, a atividade não se sustenta, pois não teria como cobrir o desgaste dos equipamentos, renovar nem ampliar suas instalações.

Na comparação com o último levantamento (novembro de 2021), a receita total recebida pelos avicultores aumentou em todos os modais



analisados. Mesmo assim, os ganhos recebidos não foram suficientes para cobrir os custos totais, que em 77% dos casos registraram aumento maior que a receita.

“Subiu tudo. A maravilha que estava R\$ 7 há 90 dias, agora está R\$ 19. Diesel, mão de obra, energia elétrica estão mais caros”, avalia o avicultor Juarez Pompeu,

que participou do painel em Chopinzinho, na região Sudoeste.

Segundo o produtor, a situação dos avicultores, que já não era boa, vem piorando. “Ano passado mais de 90 aviários fecharam na região. O produtor faz um financiamento no banco [para construção e adequação dos aviários], não conseguem acompanhar a tecnologia,

nem investir, então acabam saindo [da atividade]”, relata.

Em Chopinzinho, foram analisados sete diferentes modais de produção. Em todos, a receita total foi suficiente apenas para cobrir os custos variáveis. Quando analisado o custo total, o prejuízo chega a R\$ 0,48 por ave entregue. O maior custo de produção levantado neste painel foi

mão de obra, que responde por mais de 30% dos custos variáveis de um barracão de 100 x 12 metros com produção de frango *griller* na região. Em segundo lugar está o aquecimento (lenha), com participação de 19,54% (veja os gráficos com o desempenho de cada região na página 21).

Segundo a técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR, Mariani Benites, em praticamente todas as regiões e modais analisados, a remuneração dos produtores não aumentou na mesma proporção que os custos de produção. Das 26 propriedades modais analisadas, apenas duas apresentaram saldo sobre o custo total positivo. Ainda, 11,5% não conseguiram sequer arcar com o custo variável, ou seja, estes pagaram para trabalhar. “O cenário a médio e longo prazos é preocupante, pois o produtor não está conseguindo ter reserva para quando precisar renovar suas instalações e equipamentos e nem a remuneração sobre o capital investido na atividade”, conclui a técnica.

Os únicos dois modais que conseguiram arcar com os custos totais de produção estão localizados na região de Cianorte. Tratam-se de barracões de 160 x 16 e 180 x 18 metros que produzem frangos pesados para a integradora Avenorte e registraram saldo sobre o custo total de R\$ 0,05 e R\$ 0,39 por ave, respectivamente. Na região, a relação dos produtores com a integradora está estruturada com uma Cadec atuante. Dessa forma, as negociações entre as partes ocorrem de forma equilibrada e assentada sobre dados técnicos.

“Esse levantamento do Sistema FAEP/SENAR-PR dá suporte e serve de base para negociações e ajustes de valores pagos ao produtor. É um norte na hora de renegociar o ponto de equilíbrio. É um trabalho determinante para amparar o produtor”, aponta o presidente do Sindicato Rural de Cianorte e dirigente da Comissão Técnica (CT) de Avicultura da FAEP, Diener Santana. “Ao ser feito em regiões diferentes, esse levantamento de custos fornece um banco de dados, um raio-x de como vem se desenhando a avicultura estadual”, analisa.

Ganho em escala

Outra informação que se evidenciou no levantamento foi o ganho de escala. Em alguns modais que possuem mais de um barracão, é possível notar que as despesas se diluem conforme aumenta o número de aves alojadas, melhorando as margens dos produtores. É o caso do produtor **Carlos Maia**, que possui 12 barracões em São João do Caiuá, na região Noroeste, no qual aloja 500 mil aves.

“Com produção em escala eu consigo racionalizar o custo. Ao invés de comprar um saco de cal, compro um caminhão fechado. Quando compro lenha, são 10 alqueires de eucalipto. Para mão de obra a mesma lógica. Tenho dois tratores trabalhando 24 horas para atender os 12 barracões. Tem gente que tem dois barracões e tem um trator”, compara.



Outro ponto importante é a independência energética, alcançada quando o produtor consegue gerar o insumo para consumo na própria propriedade. Vale lembrar que na avicultura essa despesa representa quase 20% do custo de produção.

No caso de Maia, essa independência veio a com a instalação de painéis fotovoltaicos, permitindo que 100% da energia utilizada nos barracões venha do sol. “A gente gastava R\$ 100 mil de energia num lote, média de R\$ 50 mil por mês. Neste último mês paguei apenas R\$ 200”, comemora o avicultor.

“Sem sombra de dúvida, a energia elétrica foi o fator que mais teve impacto nos custos de produção da avicultura. Os produtores estão tendo vários incentivos, tanto por parte do governo estadual como federal, para que venham a ter fontes de energia sustentáveis, como eólica, biogás ou fotovoltaica”, observa **Diener Santana**, de Cianorte.



Nesse sentido, o Sistema FAEP/SENAR-PR vem atuando de forma intensa para que as energias renováveis sejam difundidas no Estado. Além de uma cartilha informando as bases legais e técnicas para o uso

dessas fontes energéticas no campo, a entidade promoveu, recentemente, um seminário sobre o tema, além de viagens técnicas para conhecer a realidade da energia renovável em outros países.

Modais utilizados no levantamento de custos de produção da avicultura – maio/2022

Durante o trabalho foram levantados dados nas seguintes localidades e tipos de aviários*



é um modo diferenciado na produção, que leva apenas cerca de 30 dias até o abate



é o modo convencional na produção no qual o frango leva cerca de 45 dias até o abate

CAMPOS GERAIS	CHOPINZINHO	CIANORTE
100x12m 1	100x12m 1 (empresa A)	150x16m 2
150x16m 2	100x12m 1 (empresa B)	160x16m 2
150x16m 4	150x16m 1	180x18m 2
CASCABEL	100x12m 1	
130x12m 2	140x14m 1	
150x16m 4	150x16m 1	
	150x24m 1	
CAMBARÁ	TOLEDO	PARANAVÁI
125x12m 2	130x14m 2	160x15,3m 2
140x14m 2	150x16m 2	165x18m 2
150x16m 2	150x16m 4	170x16m 2
165x18m 2		200x18m 2

* Medida(s) do(s) barracão(ões) em metros

Quantidade de galpões

Conceitos

Antes de ir aos resultados, é preciso entender algumas definições



CUSTO VARIÁVEL

É o valor que o avicultor precisa ter à disposição para produzir um lote de frangos e para garantir sua manutenção na atividade no curto prazo. São os gastos com mão de obra, energia elétrica, lenha, cama, manutenção, seguro das instalações, combustível, entre outros.

Fonte: Sistema FAEP/SENAR-PR



CUSTO OPERACIONAL

É o custo variável somado à depreciação de instalações e equipamentos. A depreciação corresponde a perda de valor do aviário ao longo de sua vida útil. O avicultor não desembolsa este valor a cada lote, mas essa reserva é necessária para que ele possa substituir seus ativos e permanecer na atividade no longo prazo.



CUSTO TOTAL

É o custo operacional somado à remuneração sobre o capital. O índice serve de parâmetro para calcular o dinheiro investido e desembolsado pelo avicultor a cada lote, caso fosse aplicado na caderneta de poupança (rendimento 6% ao ano).



Evolução dos custos e receitas entre novembro de 2021 e maio de 2022

Frango *griller* (R\$ por cabeça)

MUNICÍPIOS	CAMPOS GERAIS		CAMBARÁ		CHOPINZINHO	
Tamanho (metros)	150x16		165x18		100x12	
Período de comparação	Nov 2021	Mai 2022	Nov 2021	Mai 2022	Nov 2021	Mai 2022
Lotes/ano	8,30	8,26	7,45	7,51	7,05	7,97
DESPESAS						
Custo Variável	R\$ 0,43	R\$ 0,42	R\$ 0,44	R\$ 0,48	R\$ 0,51	R\$ 0,51
Custo Operacional	R\$ 0,69	R\$ 0,72	R\$ 0,67	R\$ 0,74	R\$ 0,83	R\$ 0,83
Custo Total	R\$ 0,83	R\$ 0,88	R\$ 0,78	R\$ 0,87	R\$ 1,02	R\$ 1,02
RECEITAS						
Receita Total	R\$ 0,43	R\$ 0,47	R\$ 0,67	R\$ 0,71	R\$ 0,54	R\$ 0,66
RESULTADOS						
Saldo sobre custo total	-R\$ 0,39	-R\$ 0,41	-R\$ 0,10	-R\$ 0,16	-R\$ 0,48	-R\$ 0,35

Frango pesado (R\$ por cabeça)

MUNICÍPIOS	CASCAVEL		TOLEDO		CIANORTE		LONDRINA	
Tamanho (metros)	130x12		150x16		150x16		200x18	
Período de comparação	Nov 2021	Mai 2022						
Lotes/ano	6,46	5,45	6,48	5,95	5,56	5,49	5,29	5,53
DESPESAS								
Custo Variável	R\$ 0,72	R\$ 0,86	R\$ 0,58	R\$ 0,73	R\$ 0,73	R\$ 0,90	R\$ 0,79	R\$ 1,14
Custo Operacional	R\$ 1,22	R\$ 1,45	R\$ 0,98	R\$ 1,23	R\$ 1,21	R\$ 1,44	R\$ 1,42	R\$ 1,82
Custo Total	R\$ 1,50	R\$ 1,81	R\$ 1,19	R\$ 1,51	R\$ 1,47	R\$ 1,74	R\$ 1,73	R\$ 2,14
RECEITAS								
Receita Total	R\$ 1,25	R\$ 1,43	R\$ 1,00	R\$ 1,23	R\$ 1,28	R\$ 1,50	R\$ 1,14	R\$ 1,35
RESULTADOS								
Saldo sobre custo total	-R\$ 0,25	-R\$ 0,37	-R\$ 0,19	-R\$ 0,28	-R\$ 0,18	-R\$ 0,24	-R\$ 0,58	-R\$ 0,78

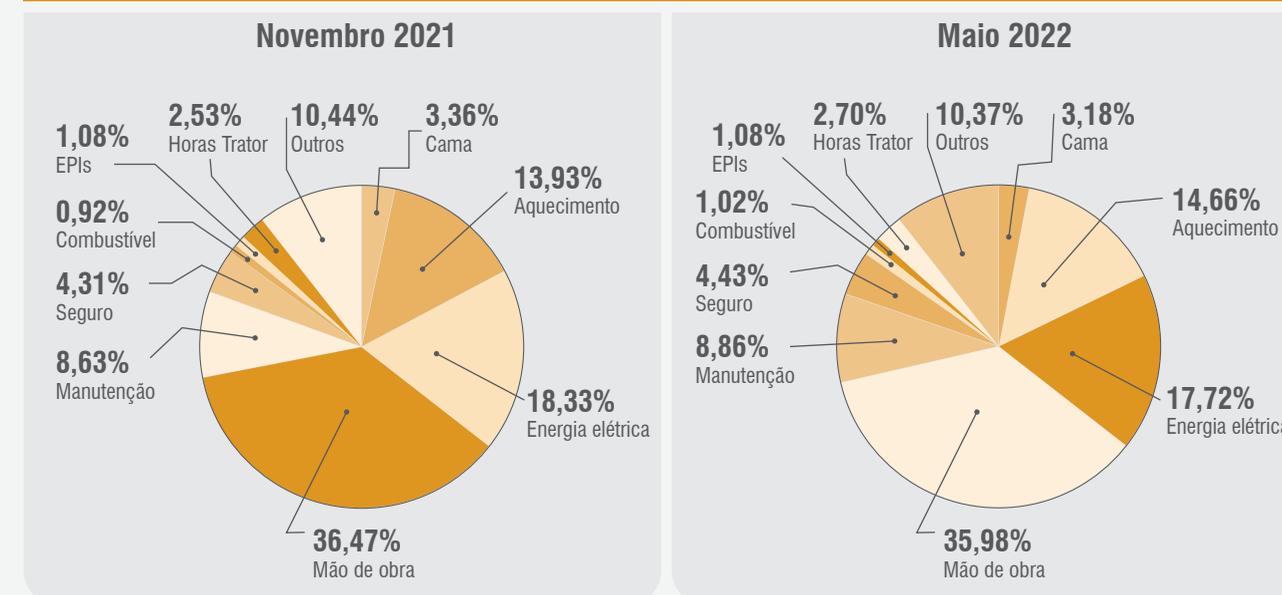
Fonte e infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

Composição dos custos variáveis

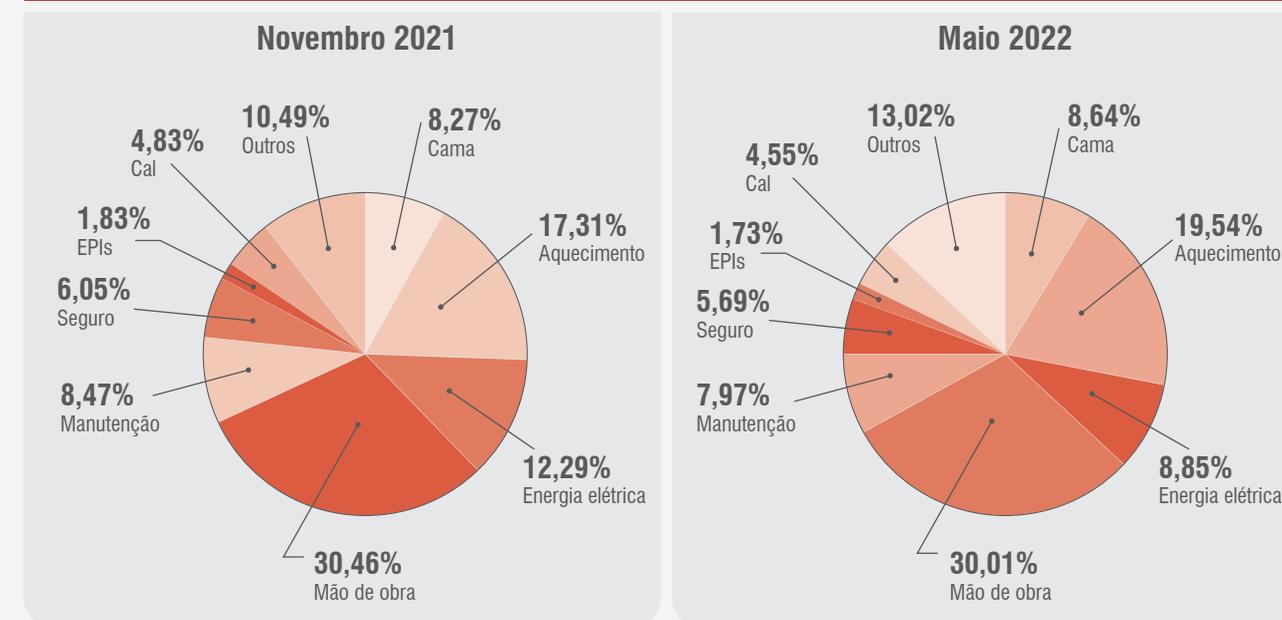
Confira os itens que mais pesaram no bolso do produtor



CAMBARÁ - AVIÁRIO DE 150X16M | GRILLER



CHOPINZINHO - AVIÁRIO DE 140X14M | PESADO



Trabalho respeitado

Os levantamentos do custo de produção de aves e suínos no Paraná já são uma tradição. Duas vezes por ano, no primeiro e segundo semestres, uma equipe técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR vai a campo para coletar dados junto a produtores, indústrias, representantes comerciais e técnicos agropecuários ligados à atividade.

Os avicultores levam dados detalhados dos gastos e receitas da propriedade, como contas de água, energia elétrica, custos com combustível, holerite dos funcionários, pró-labore, além do valor recebido pelos animais na entrega dos lotes. Dessa forma a equipe técnica do Sistema FAEP/SENAR-PR pode calcular o peso dos custos conforme uma base de dados sólida e confiável, respaldada no dia a dia do campo.

O trabalho, que utiliza uma metodologia da Embrapa para o cálculo, se comprova pela aceitação por parte das empresas integradoras. “Vejo que o custo de produção da FAEP é muito respeitado junto às empresas [integradoras]. Eles acatam os dados e nos escutam”, afirma o avicultor Juarez Pompeu, de Chopinzinho. “Se não tivesse a FAEP, essa Lei da Integração não sairia”, afirma, referindo-se à Lei 13.288, sancionada em 2016, que consolidou o diálogo paritário e equilibrado entre produtores integrados e agroindústrias integradoras, instituindo, entre outras coisas, a figura da Cadec.

CONFIRA O LEVANTAMENTO DE CUSTOS COMPLETO

É fácil!

• Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da avicultura do Sistema FAEP/SENAR-PR, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code ao lado.



Mariani Ireni Benites
Técnica
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

Momentos difíceis exigem gestão eficiente

Sabe-se que a alta dos custos vem impactando praticamente todas as cadeias de proteína animal desde o início da pandemia da Covid-19, que gerou grandes oscilações de preços e desajustes entre oferta e demanda, com a situação agravada por quebras de safra, crise hídrica e guerra entre Rússia e Ucrânia.

A avicultura é um dos setores que cresceu mesmo em meio a todas as adversidades enfrentadas, mas para dentro da porteira, o produtor vem absorvendo constantes prejuízos que desenham um cenário alarmante e que exige um planejamento estratégico do setor, além de uma soma de esforços para que os avicultores consigam se reestabelecer na atividade.

Os resultados do levantamento de custos de produção realizado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR mostram que são momentos difíceis para o avicultor do Paraná. Tal situação exige uma gestão muito eficiente, em que o produtor deve ter dados sobre a sua produção, suas receitas, seus custos e, principalmente, saber utilizar essas informações para amenizar os prejuízos com uma produção mais eficiente.

Participar ativamente dos painéis do levantamento de custos e se capacitar com os cursos sobre técnicas de organização, condução de reuniões, técnicas de negociação e noções jurídicas aplicadas aos contratos de integração são algumas ferramentas disponibilizadas pelo Sistema FAEP/SENAR-PR para o produtor de frango de corte e que gera dados e conhecimento para uma eficiente negociação com a agroindústria.

Uso de dejetos deve respeitar intervalos de aplicação nas lavouras

Estudo conduzido nos Campos Gerais estabelece recomendações para evitar impactos ambientais com adubação orgânica

A Rede de AgroPesquisa e Formação Aplicada Paraná (Rede AgroParaná), que conta com apoio financeiro do SENAR-PR e do governo do Estado, está desenvolvendo um subprojeto na região dos Campos Gerais para avaliar as implicações em perdas de solo, água e nutrientes a partir da aplicação de dejetos líquidos bovinos, no longo prazo, em áreas com Sistema de Plantio Direto (SPD). A escolha da região para implantação do estudo ocorreu com base na capacidade de geração de dejetos bovinos, visto que os Campos Gerais são polo de produção leiteira em sistema de confinamento e semi-confinamento. Na mesma região, o solo é manejado sob SPD há mais de 30 anos e, em muitas áreas, já recebe aplicações intensivas de dejetos oriundos das leiterias.

Para a pesquisa, estão sendo conduzidos dois experimentos com aplicação de dejetos líquidos bovinos em plantio direto com rotação de culturas (soja, milho, trigo e aveia preta). As estações experimentais pertencem à Fundação ABC e foram instaladas em 2005 em condições que representam o sistema produtivo mais utilizado na região.

Segundo Nerilde Favaretto, professora do Departamento de Solos e Engenharia

Agrícola da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e coordenadora do projeto, o foco da pesquisa é a redução dos impactos ambientais, especialmente nos recursos hídricos. “Nós identificamos recomendações que possibilitem benefícios pela aplicação de dejetos ao mesmo tempo que diminuam os problemas ambientais que podem ser causados”, explica.

A pesquisadora enfatiza que a adubação orgânica traz diversos benefícios em produtividade e nos atributos físicos, químicos e biológicos do solo, incrementando o acúmulo de carbono e nitrogênio do solo – desde que o manejo seja feito de forma adequada. “É imprescindível a adoção de práticas complementares de conservação do solo para evitar que o escoamento superficial alcance os corpos d’água”, afirma Nerilde.

Recomendações

Uma das conclusões do estudo é que aplicações sucessivas de dejetos bovinos podem aumentar o risco de eutrofização dos corpos d’água, devido ao aumento de fósforo no solo e a possibilidade de escoamento para o sistema hídrico. A

eutrofização acontece quando há acúmulo de nutrientes e proliferação de algas na camada superficial da água, impedindo a fotossíntese e diminuindo os níveis de oxigênio. Isso provoca a morte de diversas espécies animais e vegetais, prejudicando os ecossistemas aquáticos.

Outro aspecto observado foi que, com aplicação de até 120 m³/hectare/ano de dejetos líquidos bovinos, houve redução no volume de escoamento e nas perdas de solo e nutrientes. “Se o produtor aplicar até 60 m³ no inverno e até 60 m³ no verão, a possibilidade de contaminação diminui, enquanto os benefícios se mantêm”, aponta a pesquisadora.

De acordo com Nerilde, é recomendado a aplicação de dejetos com, no mínimo, sete dias de antecedência a um evento de chuva. Isso minimiza o chamado efeito de selamento superficial do solo, que causa redução da infiltração de água e aumenta o escoamento superficial. “O intervalo entre a aplicação do dejetos e a ocorrência de chuva influencia a capacidade de infiltração de água no solo e a possibilidade desse dejetos ser transportado para dentro de cursos d’água próximos”, conclui.

Custo de produção alto mantém atividade no vermelho

Mesmo com reajustes obtidos especialmente no âmbito das Cadecs, produtores amargam prejuízos, apontam números obtidos pelo Sistema FAEP/SENAR-PR

Planilhas

Para consultar as planilhas completas do levantamento dos custos de produção da suinocultura do Sistema FAEP/SENAR-PR, acesse o site sistemafaep.org.br ou no QR Code abaixo.



A transparência na relação entre agroindústrias e produtores rurais por meio das Comissões para Acompanhamento, Desenvolvimento e Conciliação da Integração (Cadecs) tem promovido melhorias constantes na cadeia produtiva da suinocultura, inclusive no ajuste dos repasses dos valores pagos aos produtores paranaenses. A crise global do pós-pandemia, a Guerra na Ucrânia e fatores internos da economia nacional, no entanto, não têm dado trégua e ainda há defasagem nos valores praticados. Esse é o quadro apontado pelo levantamento de custos de produção da suinocultura, elaborado pelo Sistema FAEP/SENAR-PR.

“A suinocultura é um dos carros-chefes da atividade pecuária no Paraná, tanto para o mercado interno quanto para alimentar o mundo. Seja em momentos de crise como o que vivemos ou em dias com melhores resultados, é fundamental termos uma conversa afinada entre agroindústrias e produtores. E, para isso, precisamos nos embasar em números, justamente o que fazemos há tantos anos ao gerar dados de qualidade para dar subsídio às negociações”, avalia o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

Para chegar aos números desta edição do levantamento de custos de produção da suinocultura, reuniões foram realizadas com produtores rurais, revendas de insumos, representantes da agroindústria, instituições financeiras e demais agentes do setor, para apurar os custos de uma propriedade modal, ou seja, o perfil de negócio que mais se repete na região. Os encontros para chegar aos números foram realizados no modo virtual, ainda em precaução à pandemia do novo coronavírus.

A pesquisa abrange as principais regiões produtoras de suínos no Paraná: Campos Gerais, Sudoeste e Oeste. Nesta edição, os dados se referem apenas a sistemas integrados, nos quais os produtores são responsáveis por fornecer mão de obra, infraestrutura e terra, com os insumos bancados pela indústria (animais, ração,

medicamentos e assistência técnica). Os dados têm essa restrição porque em nenhuma região houve participação de produtores dos sistemas independentes e cooperados e dois painéis foram cancelados por falta de participantes: Terminação e Ciclo Completo. Nos Campos Gerais, não foram levantados dados porque não houve participantes nas reuniões nos painéis programados.

Tempestade perfeita

No contexto geral da atividade, a presidente da Comissão Técnica (CT) de Suinocultura do Sistema FAEP/SENAR-PR, Deborah de Geus, enfatiza que, inicialmente, é preciso considerar que a produção de suínos vive uma crise de grande proporção desde o começo de 2021. “O que está pegando é o custo muito alto, sem perspectiva de queda nas cotações do milho e da soja, e a crescente oferta de suínos no mercado interno. Com essa questão da Guerra da Ucrânia, a exportação para a Rússia parou, e com a questão da Covid-19, os portos da China fecharam. Temos uma perspectiva de melhora, com a reabertura dos portos chineses, apesar da alta no custo de contêineres”, lembra Deborah. “A verdade é que vivemos uma ‘tempestade perfeita’. Tudo que tinha que dar de pior, aconteceu”, reforça.

Os aspectos globais e nacionais apontados pela presidente da CT respingam no dia a dia do produtor. Segundo o levantamento do Sistema FAEP/SENAR-PR, donos de Unidade Produtora de Leitões (UPL integrado), por exemplo, tiveram um aumento significativo nos custos de produção em relação ao levantamento anterior, de novembro de 2021. O custo total por cabeça alcançou R\$ 66,04, enquanto a receita do produtor foi de R\$ 46,87 – prejuízo de R\$ 19,17 por leitão.

“Apesar de vermos um aumento no valor pago ao produtor, a receita obtida não é suficiente para cobrir os desembolsos, e insuficiente para pagar a depreciação de máquinas e equipamento e a remuneração do capital investido”, aponta Nicolle Wilsek,



Eloi Daga Favero possui uma granja com 770 matrizes no Oeste do Paraná

técnica do Departamento Técnico e Econômico (DTE) do Sistema FAEP/SENAR-PR.

O cenário é parecido também na modalidade Unidade Produtora de Leitões Desmamados (UPD integrado), sistema no qual o item “despesas financeiras” foi o maior responsável pelo aumento nos custos de produção, com acréscimo superior a 40%. “Os preços dos combustíveis têm registrado forte elevação, assim como energia elétrica. Esta última em função da redução dos subsídios para a classe rural e a aplicação da bandeira vermelha, por conta da estiagem ocorrida no último semestre. Ainda que o aumento na receita do produtor tenha sido de 12,93% pelo leitão na região Oeste, as margens permanecem negativas”, acrescenta Nicolle.

Na Unidade Creche (UC), a operação no vermelho também é uma realidade. Houve aumento de 81,73% no custo fixo e a depreciação não permitiu ao produtor obter rentabilidade positiva, somado à queda de 7,14% no preço pago ao produtor na comparação entre os levantamentos do fim de 2021. “A receita por animal foi de R\$ 6,50, o custo variável foi de R\$ 6,54. O custo operacional alcançou R\$ 10,43 e o custo total foi de R\$ 12,94 para o produtor integrado, tornando a atividade insustentável em curto prazo”, alerta a técnica do DTE.

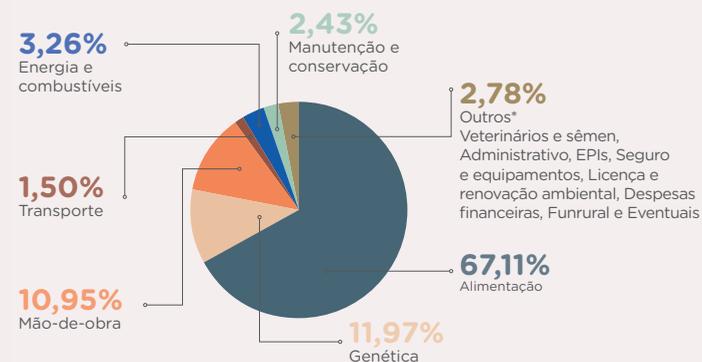
Composição dos custos

Veja como os custos variáveis são formados e a porcentagem correspondente a cada item, de acordo com o modelo de produção

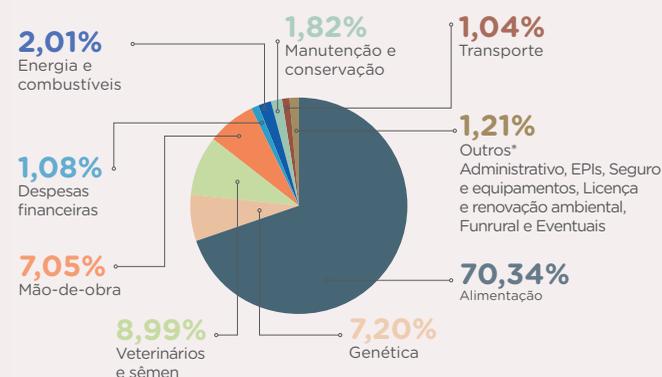


SUDOESTE

UPD - INTEGRADO

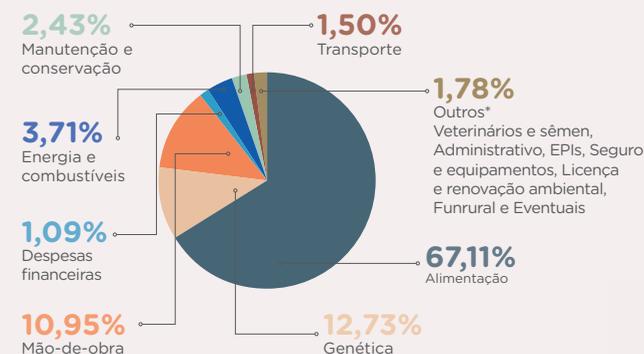


UPL - INTEGRADO

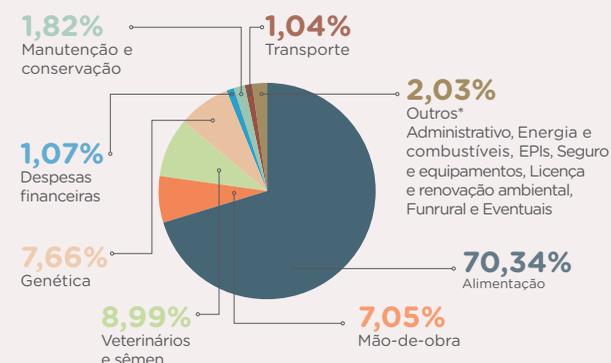


OESTE

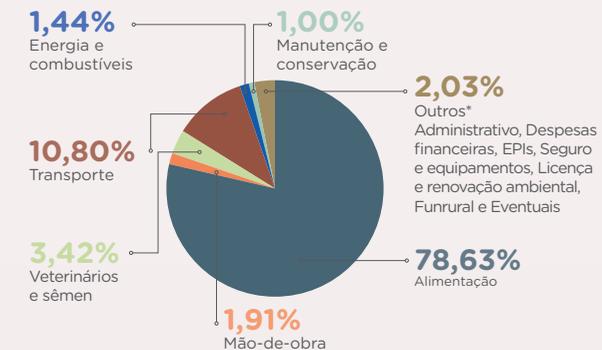
UPD - INTEGRADO



UPL - INTEGRADO



CRECHÁRIO - INTEGRADO



*Custos inferiores a 1% foram somados e representados no infográfico pelo item "Outros"

Fonte e infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

Situação seria ainda pior sem Cadecs

A possibilidade de negociação entre produtores rurais e a agroindústria no âmbito das Cadecs tem feito com que os dois elos da cadeia produtiva dividam, em parte, os prejuízos causados pela "tempestade perfeita". Um exemplo vem de Marechal Cândido Rondon, no Oeste do Paraná. O suinocultor Eloi Daga Favero, que tem uma granja de 770 matrizes para produção de leitões desmamados (7,5 quilos), destaca a importância de uma planilha unificada com a agroindústria.

"Tivemos um aumento significativo de custos e as empresas não conseguiram repassar esse reajuste integral porque também estão deficitárias. Mas hoje nós conseguimos sentar e debater a partir de um único número. Acabou aquela história de nós produtores levarmos um índice e a agroindústria, outro. Com a mesma planilha, no ano passado, mesmo em tempos de prejuízo da atividade, tivemos ganhos dentro das reuniões da Cadec. Não é o ganho que esperávamos, mas quando a crise reverter, assim como fomos parceiros na hora dos prejuízos, vamos reivindicar que sejamos parceiros nos lucros", resume Favero.

Quem também participa das reuniões de Cadec no Oeste do Paraná é a suinocultora Ana Cristina Schneider Scheaedler, de Toledo, que tem um sistema produtivo integrado para produzir leitões e engordá-los até cerca de 23 quilos. O aumento nos custos tem feito seu faturamento diminuir em torno de 15%, mas com transparência e diálogo junto à agroindústria, a sensação na região tem sido de apertar os cintos até que venham dias melhores.

"É uma queda significativa na receita. Mas a situação seria pior se não tivesse a Cadec com nossas reivindicações por aumento. Conseguimos reajustes que hoje fazem muita diferença

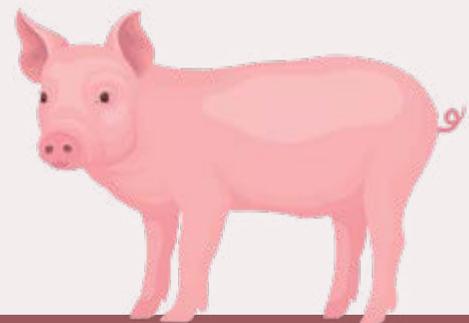
no contexto de crise que estamos vivendo", revela **Ana Cristina**.

Em Dois Vizinhos, na Região Sudoeste, o produtor Miguel Thomas tem uma granja com 650 matrizes na mesma modalidade de Ana. O suinocultor também cita como um dos principais avanços a unificação da planilha de custos dos produtores e da agroindústria no âmbito da Cadec. "Quando foi unificada a forma de obter os números tudo começou a melhorar, porque a empresa visualiza as defasagens que temos. Conseguimos reduzir os prejuízos, de 30% de defasagem num primeiro momento e para 10% agora. Hoje nós não estamos sentindo tanto a crise", celebra Thomas.



Resultados da suinocultura

Confira os principais dados do levantamento de custos de produção da atividade em junho de 2022



UPD - INTEGRADO (R\$/cabeça)	SUDOESTE		
	Nov/21	Jun/22	Variação (%)
Custo operacional	42,01	47,48	13,02
Custo fixo	17,84	23,72	32,96
Custo total	47,53	56,12	18,07
Preço do leitão	36,47	38,68	6,06
Saldo/Custos variáveis	6,78	6,28	-7,37
Saldo/Custo operacional	-5,54	-8,8	58,84
Saldo/Custo total	-11,06	-17,44	57,69



UPL - INTEGRADO (R\$/cabeça)	SUDOESTE		
	Nov/21	Jun/22	Variação (%)
Custo operacional	45,36	55,17	21,63
Custo fixo	18,55	29,54	59,25
Custo total	51	66	29,41
Preço pago ao produtor	43,54	44,87	3,05
Saldo/Custos variáveis	11,08	10,37	-6,41
Saldo/Custo operacional	-1,82	-8,3	356,04
Saldo/Custo total	-7,46	-19,16	156,84



CRECHÁRIO - INTEGRADO (R\$/cabeça)	OESTE		
	Nov/21	Jun/22	Variação (%)
Custo operacional	9,99	10,42	4,30
Custo fixo	3,52	6,4	81,82
Custo total	11,52	12,94	12,33
Preço do leitão	7	6,5	-7,14
Saldo/Custos variáveis	-0,99	-0,03	-96,97
Saldo/Custo operacional	-2,99	-3,92	31,10
Saldo/Custo total	-4,52	-6,44	42,48



Fonte e infografia: Sistema FAEP/SENAR-PR

Lei da Integração

O Sistema FAEP/SENAR-PR foi uma das principais entidades representativas do agronegócio nacional a encampar a ideia da criação, no Congresso Nacional, da chamada Lei da Integração (13.288/2016), que completou seis anos em maio de 2022. A ferramenta cria fóruns equilibrados que possuem representantes das agroindústrias e dos produtores para criar consensos nas grandes questões envolvidas na cadeia produtiva, incluindo os valores de repasse a pecuaristas das cadeias integradas – entre elas a suinocultura. Atualmente, o Paraná possui seis Cadecs na área de suinocultura.

Historicamente, o Sistema FAEP/SENAR-PR investiu esforços nesse sentido, tornando o Estado um exemplo para o Brasil. Há, por exemplo, um núcleo que reúne todas as comissões do Estado. Essa instância faz todo tipo de assessoramento às Cadecs, desde a realização de assembleias no interior tirando dúvidas sobre as comissões, auxiliando produtores na elaboração do regimento interno e subsidiando-os com informações técnicas para negociações com a agroindústria.

“Essa união de esforços é um ponto-chave para nos mantermos firmes na atividade. Conseguimos evoluir nisso com grande apoio da FAEP. No início, a gente não tinha experiência em termos de custo de produção, na realização de reuniões, então contamos com ajuda da Federação, que continua nos assessorando no diálogo com as empresas e no que mais precisarmos”, conta o suinocultor **Miguel Thomas**, de Dois Vizinhos.



Por **Nicolle Wilsek**
Técnica
DTE - Sistema FAEP/SENAR-PR

Suinocultura passa por crise histórica

A suinocultura paranaense e brasileira vive a pior crise de todos os tempos. O setor sofre, principalmente, com a alta dos custos produtivos praticados na pandemia, seja por falta de matérias primas ou por supervalorização de *commodities* como milho e soja, que acompanharam a explosão da valorização do dólar. Esse cenário é um reflexo de diversos fatores, entre eles a redução na produção decorrente da escassez hídrica, diminuindo a oferta dos insumos que são responsáveis por 80% do custo da alimentação na suinocultura.

Somado a isso, o mercado também teve impacto com o represamento de animais no mercado brasileiro, por cortes na exportação (especialmente da China e da Rússia), resultando na desvalorização da carne suína no varejo e déficit na remuneração do suíno terminado. Ainda, a guerra entre Rússia e Ucrânia provocou oscilações no barril do petróleo e diminuiu a importação de carne suína brasileira pela Europa. Essa soma de fatores resulta em um suinocultor sem dinheiro para capital de giro, com aumento significativo em custos variáveis e somados à depreciação das propriedades, estas com o mínimo necessário de manutenções e investimentos.

Hoje, a suinocultura expressa inviabilidade produtiva. A curto e médio prazos, o produtor que não tiver reservas tende a deixar a atividade. E, em momentos de crise, vale enfatizar todo o trabalho de formação e debates promovidos pelo Sistema FAEP/SENAR PR, que sempre preconizou a urgência em investimentos constantes em eficiência produtiva, ou seja, que o produtor tenha conhecimento dos seus custos e receitas e tome decisões de manter a atividade no equilíbrio, prezando pela saúde financeira.



CAMPINA DA LAGOA

FLORICULTURA BÁSICA

Entre os dias 26 de janeiro e 2 de fevereiro, 11 participantes realizaram o curso ministrado pelo instrutor Geremias Cilião de Araújo Junior.



CASCADEL

CASQUEAMENTO DE BOVINOS DE LEITE

Realizado em parceria com o Centro Universitário Univel, o curso finalizou em 9 de abril e teve participação de 14 pessoas, capacitadas pelo instrutor Marcio Gueiros.



IRATI

BÁSICO EM MILHO

Em turma finalizada em 22 de maio, o instrutor Frederico Leoneo Mahnic treinou oito participantes.



NOVA LONDRINA

BÁSICO EM MANDIOCA

Neste treinamento finalizado em 3 de maio, oito participantes foram capacitados pela instrutora Silvia Lucia Neves.



CASCADEL

ESPAÇO CONFINADO

Neste treinamento, oito participantes foram treinados pelo instrutor Josias Batista de Barros. O curso foi ofertado em parceria com a empresa Globoaves, nos dias 13 e 14 de abril.



CIANORTE

TÉCNICAS DE APRESENTAÇÃO

Conduzido pela instrutora Luciane Lousano, 11 pessoas receberam treinamento nos dias 19 e 20 de maio.



PALOTINA

TRATORISTA

O curso com a instrutora Silvana de Fátima Ribeiro Olzewski reuniu oito participantes, entre 28 de abril e 1º de maio.



SÃO JORGE DO IVAÍ

COLHEITADEIRA

Entre 2 e 5 de maio, o instrutor Cláudio José Zunta capacitou nove pessoas.



COLORADO

BÁSICO EM MANDIOCA

Nos dias 16 e 17 de maio, dez participantes foram capacitados pelo instrutor Frederico Leoneo Mahnic.



COLORADO

BÁSICO EM MILHO

O instrutor Frederico Leoneo Mahnic treinou 12 participantes nos dias 18 e 19 de maio.



SÃO JORGE DO IVAÍ

OPERAÇÃO DE DRONES

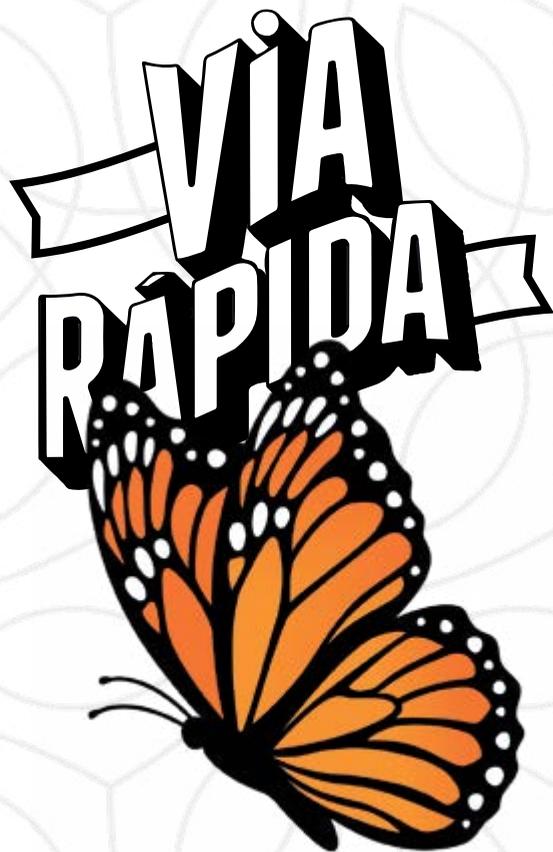
O treinamento ministrado pelo instrutor Mauro Volponi finalizou em 18 de maio, reunindo oito participantes.



UMUARAMA

DERIVADOS DE LEITE

Neste curso, encerrado em 10 de maio, um grupo de 11 pessoas recebeu treinamento da instrutora Renata Andrade.



Maratona pelos céus

Você provavelmente já viu uma borboleta voando. Até aí nenhum segredo. O surpreendente é imaginar que esses insetos, com seus voos lentos, consigam percorrer enormes distâncias. A borboleta-monarca, por exemplo, percorre cerca de 4,8 mil quilômetros para realizar a sua migração. Todo outono a espécie deixa o Norte dos Estados Unidos e Canadá e rumo à Califórnia ou México.



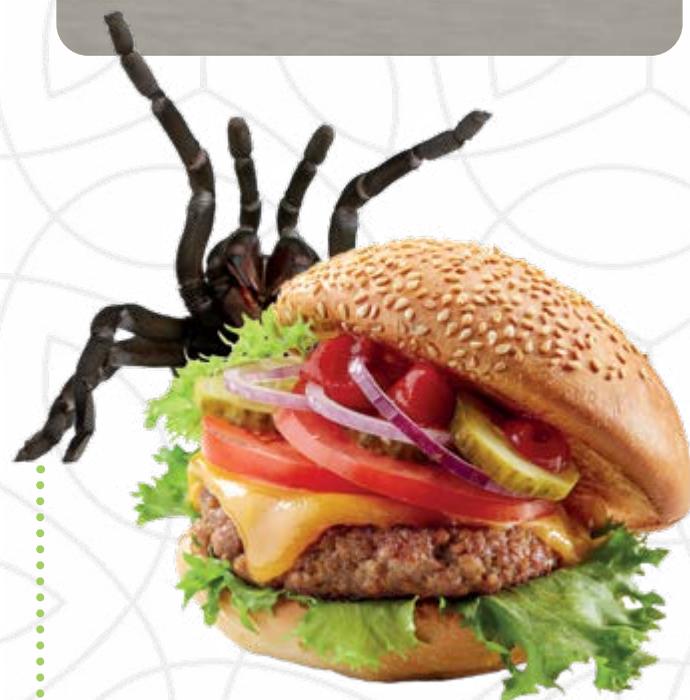
Xô, mosquito!

Além de tornar o ambiente mais agradável, algumas plantas, como manjerico, alecrim, erva-cidreira, citronela, hortelã e lavanda, são excelentes repelentes naturais contra mosquitos.



Belo e perigoso

O Monte Everest recebe anualmente cerca de 60 mil turistas em sua base e 1,3 mil alpinistas que arriscam a escalada. Aproximadamente 80% dos acidentes ocorrem durante a descida do cume, sendo a principal causa de morte as avalanches. Segundo especialistas, a melhor época para tentar a escalada é durante abril a maio.



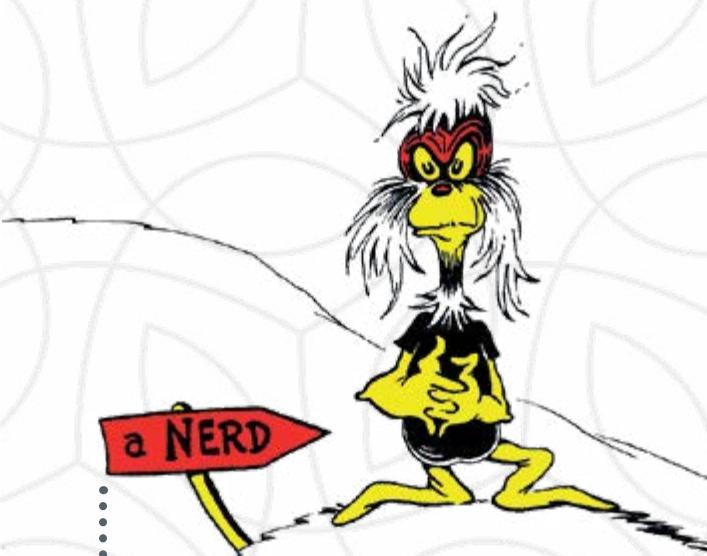
Vai um hambúrguer aí?

Dizem que a variedade é o molho da vida. Sendo assim, que tal experimentar um delicioso hambúrguer de tarântula? A hamburgueria Bull City, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, oferece essa iguaria em um menu especial do “mês da carne exótica”. A aranha é assada inteira, com um pouco de sal e servida em cima do lanche. E aí, partiu experimentar?



Um clássico

Na sua casa tem um pinguim em cima da geladeira? Essa tradição começou nos anos 1950, quando os refrigeradores, em lojas de artigos domésticos, eram facilmente confundidos com armários de louça ou comida. Para facilitar a localização de geladeiras aos clientes, a Kelvinator (empresa de refrigeradores americana fundada em 1914) entregava, junto com o eletrodoméstico, pequenas estatuetas de cerâmica em formato de pinguins que eram deixadas em cima.



A origem dos nerds

Ser chamado de nerd deixou de ser considerado depreciativo. Nos dias de hoje, é até um elogio. O termo apareceu pela primeira vez em 1950, no livro infantil chamado “Se eu dirigisse o zoológico”, do escritor Theodor Seuss, o Dr. Seuss. Na obra, Nerd é um animal imaginário, meio esquisitão. No ano seguinte, a revista *Newsweek* publicou uma reportagem em que afirmava que o termo estava sendo usado como sinônimo para “quadrado” e “fora de moda” na região de Detroit, nos Estados Unidos.

Nem sempre

Em um estudo realizado pela Manchester MET University, pesquisadores confrontaram o mito de que “o pão cai sempre com a manteiga para baixo”. Derrubando 100 fatias de pão de uma altura de 76 cm, foi revelado que isso ocorre em 81% dos casos. Mas existe uma explicação. O movimento feito pelo pão é o de rotação e, na maioria das vezes, a altura da mesa não permite que o pão complete o movimento.



Na busca pelo emprego

Sabe porque o site de emprego é o pior lugar para procurar trabalho? Porque as informações são vagas.



UMA SIMPLES FOTO



Quer ficar atualizado sobre as novidades do agro do Paraná?

Salve o número **(41) 98815-0416**, mande seu **nome, cidade e atividade agropecuária** e receba as notícias pelo WhatsApp



Endereço para devolução:

Federação da Agricultura do Estado do Paraná
R. Marechal Deodoro, 450 - 14º andar
CEP 80010-010 - Curitiba - Paraná

EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS



- | | |
|-------------------------------------------------------------------|----------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Mudou-se | <input type="checkbox"/> Falecido |
| <input type="checkbox"/> Desconhecido | <input type="checkbox"/> Ausente |
| <input type="checkbox"/> Recusado | <input type="checkbox"/> Não Procurado |
| <input type="checkbox"/> Endereço Insuficiente | |
| <input type="checkbox"/> Não existe o nº indicado | |
| <input type="checkbox"/> Informação dada pelo porteiro ou síndico | |

REINTEGRADO AO SERVIÇO POSTAL

Em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável

Acesse a versão digital deste informativo:

sistemafaep.org.br

• FAEP - R. Marechal Deodoro, 450 | 14º andar | CEP 80010-010 Curitiba-PR | F. 41 2169.7988 | Fax 41 3323.2124 | sistemafaep.org.br | faep@faep.com.br

• SENAR-PR - R. Marechal Deodoro, 450 | 16º andar | CEP 80010-010 Curitiba - PR | F. 41 2106.0401 | Fax 41 3323.1779 | sistemafaep.org.br | senarpr@senarpr.org.br

Siga o Sistema FAEP/SENAR-PR nas redes sociais

